

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Comércio Class.: 12

Data 19 de janeiro de 1954 Pg.:

O indígena

do brasileiro

Albair de Carvalho Faria

O biótipo do indígena brasileiro pode ser resumido no seguinte tipo humano: a) grupo amarelo; b) índice antropológico; mongolóide; c) cabelos: lissótricos; d) estatura mediana; e) cor: amarela, com diversificações.

Afirmam os antropólogos que houve dois fluxos migratórios: um litorâneo, que foi compacto e grande, e outro pelo interior andino, que veio fracionado em grupos pequenos. Há muita diferença entre estes grupos: tupis, tapuias, caribas (ou caraiabas), nuafuaques e outros.

Os tapuias (cujo nome significa «Pai da Terra» ou «Habitante»), foram os primeiros a chegar, vindos pelo litoral do norte, são os chamados índios do «primeiro ciclo». A seguir, os caribas, pelo Planalto, penetraram em nosso território (caribas, palavra que originou-se de «canibal» por ser o primeiro grupo onde se encontrou a prática da autropofagia).

Os tupis, pertencem ao segundo ciclo e expulsaram os tapuias para o interior, ocupando quase todo o litoral. Seu nome significa justamente «invasor», «homem novo». A grande nação dos nuafuaques (aruafuaques, arua, arua), que vivem à margem esquerda da Bacia Amazônica, são os responsáveis pela linda cerâmica marajoara.

Os primeiros contatos dos índios com os portugueses foram bastante hospitalares, mas passou, por culpa dos próprios portugueses, que os queriam escravizar, a uma hostilidade demonstrada e comprovada pelas constantes lutas travadas.

Os primeiros documentos etnográficos, relativos ao indígena brasileiro, foram: 1.º) Carta de Pero Vaz de Caminha, que descreveu o tipo físico, alguns hábitos de «vestir» e de comer, suas moradias, costumes. 2.º) Um livro de Jean de Lery, intitulado «Voyage du Brésil». 3.º) Hans Staden, um alemão que veio duas vezes ao Brasil, a serviço de Portugal e Espanha, e foi prisioneiro de nossos índios. Staden escreveu sobre os tupis em seu «Menschenfresserbuch». 4.º) André de Clevet. 5.º) Os jesuítas (Nóbrega, Anchieta, Aspicuelta Navarro, Fernão Cardim) que emitiram relatórios e classificaram a língua indígena em dois grupos:

a) — Geral; b) — Travada.

Quanto aos vestígios paleontológicos, temos o famoso «Homem da Lagoa Santa», estudado do Lund e que dá aproximadamente 30 mil anos a esse fóssil, encontrado em Minas Gerais, acreditando-se que seja um homem da nação Gê.

Como estudo etnográfico, temos o «Homem do Sambaqui», que o antropólogo e geólogo Antônio Serrano (português) tão bem catalogou. Além dele, temos os estudos aprimorados de Kozertz, Ameghino, Von Bhering e Beckeuser (que adotou um critério cronológico por um fóssil, encontrado nos sambaquis de Paraná e Santa Catarina: o do peixe «Azara-prisca»).

Ninguém pode pretender um conhecimento maior da Indíologia Brasileira, sem ter tido contato com esses estudos. O selvagem brasileiro deve ser estudado por várias razões e, entre elas, a de ser um dos elementos formadores de nosso povo (brasileiro — miscigenação de negro, índio e português).

Sua arte é de grande beleza, sua cultura material e não material é espetacular (lendas, mitos, folclore, tradições). As maiores fontes de informações, devemos, inevitavelmente aos jesuítas, que os estudaram diretamente.

Só no final do século XIX é que começaram os estudos arqueológicos, e, atualmente, temos um serviço de proteção aos índios (Funai) que faz estudos oficiais e que tem por finalidade, manter traços culturais indígenas e promover sua assimilação à nossa cultura, bem como proteger seu imenso patrimônio.